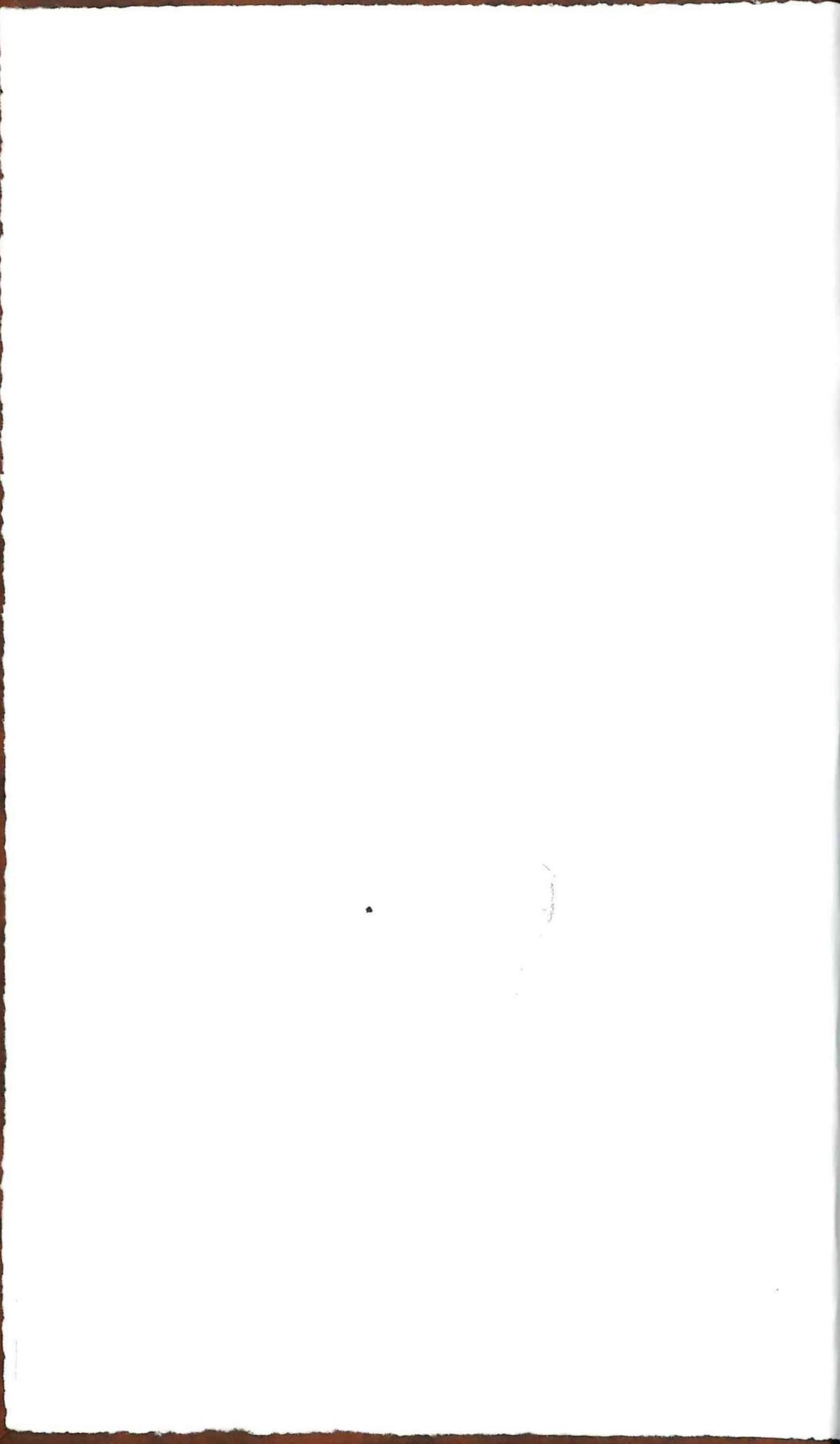


A PATRANHA
GENEALÓGICA
DE
ERNESTO VELHO



9.52(469.12)

C



100

2

JOSÉ DE SOUSA MACHADO

A Patranha Genealógica

DE

Ernesto Velho



1930

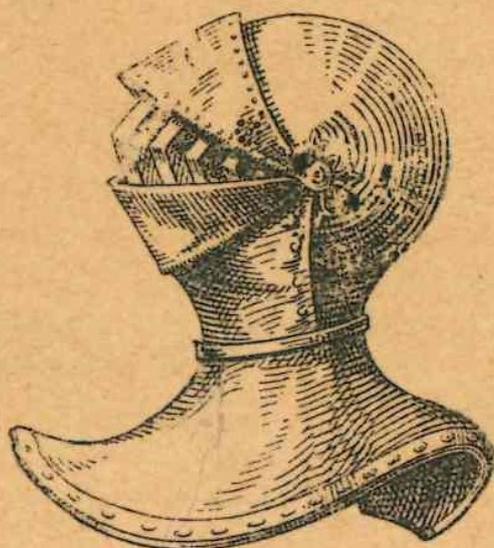
Tip. Augusto Costa & C.a L.da
BRAGA

JOSÉ DE SOUSA MACHADO

A Patranha Genealógica

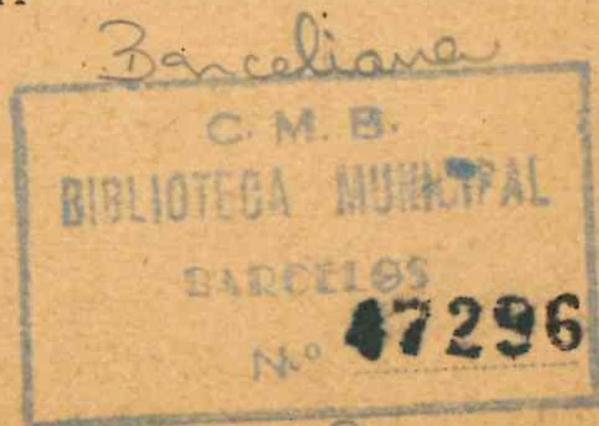
DE

Ernesto Velho



1930

Tip. Augusto Costa & C.a L.da
BRAGA



Serra

A Parábola
Genealógica

Diz o discreto ao mentiroso :

*Vai embora! que assaz de pouco
juizo tem quem te ouve, e menos quem
te crê, e nenhum quem contigo trata.*

SÁ DE MIRANDA.

PATRANHA GENEALÓGICA

PATRIMONIO GENERAL DE LA NACION

EM 1927, Ernesto Velho (nome desconhecido no meio literário e na bôa sociedade) publicou um folhêto com o espalhafatoso título: **Velhos de Barbosa do Paço Solar de Marrancos. Refutação de erros e falsidades genealogicas contidas no livro — Cartas Ineditas de Camillo Castello Branco ao 1.º Conde de Azevêdo de que é autor o snr. 2.º Conde de Azevêdo.**

Li, então, pela primeira vez (eu que tinha examinado, havia anos, os registos paroquiaes da freguesia de Marrancos) o assento do baptismo de José Antonio, *filho* de Martinho Velho de Barbosa da Fonseca e de sua mulher D. Pascoa Antonia de Castro de Sousa de Meneses.

Era evidentemente falso esse *documento*, copiado a pag. 50 e 51 do fabuloso opusculo; mas fui examinar mais uma vez o registo paroquial de Marrancos. Encontrei, agora, rasgadas as fôlhas, onde devia estar aquele assento de baptismo se fôra verdadeiro!

Quem rasgou essas folhas?

A quem interessava seu desaparecimento?

O leitor já respondeu, dispensando-me de apontar o criminoso.

No meu ultimo livro — «O Poeta do Neiva» — afirmei que toda a agua de fonte genealogica, filtrada por documentos, se podia beber sem receio: e, em nota, declarei que me referia a documentos e não a produtos avariados da falsificação ao serviço da vaidade burguêsa ou da cobiça ladina. — E acrescentei:

«Se é certo que êstes falsos *documentos* abundam em tôda a parte e aparecem de preferêcia na confirmação das árvores genealógicas, também (porque a Providência não dorme) é certo que veem sempre acompanhados de caracteres que denunciam a má origem, que os tornam suspeitos, e que provocam o exame cuidadoso do leitor

prudente. Os pretensores à casa do Conde da Feira e os falsos descendentes do infante D. Dnarte forjaram numerosos *documentos* com grande cuidado, muita paciência e inegável perícia; e lograram iludir alguns homens inteligentes, talvez ingênuos; mas pouco depois, êsses *documentos* transformaram-se em testemunhas de acusação, em provas do crime dos seus autores; isto é, a crítica fêz dêles, que eram falsos, verdadeiros documentos contra os falsificadores. Podia citar numerosos casos semelhantes, mas bastará lembrar o mais recente: a cópia do simulado assento do baptismo dum filho de Martim Velho da Fonseca Barbosa, senhor do Paço de Marrancos».

Não pode negar-se a oportunidade e a conveniencia dessa nota, que infelizmente não podia, nem devia, ter ali maior desenvolvimento.

Ainda bem que o interessado teve a imprudencia de me conceder uma bela ocasião para justificar meu conceito pondo em relêvo os vicios do fabuloso *documento*.

O documento falso

Rasgadas as folhas do livro de registo dos baptisados de Marrancos, o criminoso ficou em plena liberdade para forjar a cópia do pretendido assento do baptisado.

E a vaidade, sempre imprudente, e a Providência, que não dorme, guiaram a pêne do infeliz candidato á fidalguia das Crusadas e das conquistas e descobrimentos:

«Aos sinco dias do mes de Setembro de mil e sete centos e sacenta e hum annos nasceo José Antonio filho legitimo do capitão mór Martinho Velho de Barbosa e Affonsequa Fidalgo da Casa de Sua Magestade e de Donna Pascoa Antonia de Castro Souza e Menezes ora falecida moradores na sua quinta do Paço desta freguezia de Sam Mamede de Marrancos neto pela parte paterna do tenente general Francisco Velho de Barbosa tambem Fidalgo da Casa de Sua Magestade e capitão mór deste conselho e de sua molher Donna Maria Fran-

cisca Pereira de Sottomayor moradores que foram na sua casa das Torres em Ponte do Lima e materno de Diogo de Souza de Menezes e Castro e de sua molher Donna Agostinha Antonia de Abreo e Lima naturaes da casa de Campos de Lima termo dos Arcos e foy por mim o Padre João da Sylva Couto vigario nesta mesma Igreja baptizado solemnemente e lhe puz os santos oleqs aos vinte e sinco dias do mesmo mes de Setembro da era acima dita; assistio como padrinho Francisco Velho irmão do baptizado que tocou com o resplendor de Sam Francisco e foy madrinha Donna Anna Josefa sua irman, foram testemunhas Antonio Fernandes do lugar da Junqueira desta freguezia e Martim Ferreira dos Arcos e assistente na quinta do Passo que todos aqui assignaram e para constar fiz este assento que asinei com as testemunhas era ut supra — O vigario João da Sylva Couto — Martim Ferreira — Antonio Fernandes».

Basta lê-la para considera-la suspeita, pela extravagancia do formulario; mas, lendo-se depois o assento do baptisado do filho varão primogenito de Martinho Velho e de D. Pascoa, *lavrado pelo mesmo cura Padre João da Silva Couto*, ninguem hesita ao declara-la manifestamente falsa.

Eis o teor do assento verdadeiro :

« Aos onze dias do mes de Mayo de mil setecentos e cincoenta e tres annos naceo Francisco filho legitimo de Martinho Velho de Barbosa e Affonseca e de Donna Pascoa Antonia de Castro Sousa e Menezes moradores na sua quinta do Paço desta freguesia de São Mamede de Marrancos foy baptisado pelo Reverendo Antonio Pigneiro Abbade da freguesia de Sam Thiago de Arcuselo com licença do Reverendo Vigario desta freguezia solemnemente e lhe pos os Santos Oleos aos dezeseite dias do mesmo mes de Mayo da era asima foram padrinhos ou assistio como padrinho João Pereira da Costa Fajardo da freguesia de Villar das Almas que tocou com o Resplendor de Sam Francisco Madrinha Donna Pascoa Maria Religiosa no Convento do Salvador da cidade de Braga e com procuraçam sua adestio Luiz de Brito Ga-

vaviam desta mesma freguesia foram testemunhas Francisco Pereira do lugar do Monte e Paulo Gonçalves do lugar da Devera ambos desta mesma freguesia e pera constar fis este assento no mesmo dia e era ut supra. — O cura o P.^e Joam da Sylva Couto — O Abb.^e Antonio Pinheiro Lopes — João Pr.^a da Costa Fajardo — Luis de Brito Gaviam — Paulo Gonçalves Francisco Pereira».

Sobeja a simples comparação dos dois assentos, para se reconhecer a falsificação, ainda que se esqueçam as circunstancias ponderaveis que davam maior relêvo, natural superioridade à festa do baptisado de Francisco, que era morgado, sobre a do suposto filho, mais novo e nascido d'um parto infeliz, que deveria cobrir de luto a familia de Marrancos.

O assento verdadeiro não fala nos *avós*, nos *capitães mores*, nos *fidalgos da casa de Sua Magestade* e .. no *Tenente General!*

Acresce que Francisco Velho de Barbosa nunca foi *capitão-mor*, nem *tenente general*.

A Bartolomeu Barbosa, (avô deste Francisco Velho de Barbosa) succedeu no cargo de capitão-mór seu filho Francisco Barbosa Machado, que o exerceu até ao seu falecimento em 1705; e, nessa data, aquele seu sobrinho tinha o elevado posto de Tenente de Mestre Campo General (e não de Tenente General, patente criada pelo Decreto de 5 d'Abril de 1762) incompativel com o relativamente inferior de capitão-mór.

O simulado assento do baptisado de José Antonio não pode iludir-nos. Lembra-me a pintura dos cabelos e o uso da cabeleira com que os encanecidos velhos e os carecas pretendem e julgam enganar os outros, sendo eles os unicos iludidos.

Ernesto Velho igualmente supôz que a sua *fidalgua* lhe saia das mãos perfeita e segura; e afinal o desengano não se demorou.

Prevendo hipoteses contrarias, aproveitou-se a data do falecimento de D. Pascoa (5 de Setembro de 1761) para o nascimento do *filho* José Antonio e para dar-se apparencia de verdadeira á *copia*, repetiram-se nela palavras do assento do baptisado do primogenito Fran-

cisco; mas, como a Providencia não dorme, a infelicidade acompanhou o falsificador.

O suposto nascimento de José Antonio, em tão tristes e difíceis circumstancias, aconselhava o baptismo immediato no proprio Paço de Marrancos; mas, ao contrario do que seria plausivel, o baptisado realisou-se *fora do prazo normal*, no dia 25, tendo nascido no dia 5. Mas, se assim fôra, não podia dispensar-se a licença do Arcebispo. O desastrado falsificador ignorava o que o cura João da Silva Couto sabia e não deixaria de cumprir, referindo-se expressamente á licença do ordinario *no respectivo assento de baptisado* — esta disposição ecclesiastica foi sempre obrigatoria e o deão visitador, na sua recente visita á igreja de Marrancos, tinha determinado áquele cura seu religioso cumprimento, como se lê a fl. 26 do mesmo livro dos baptisados.

Que galinha, infeliz dentista, que galinha!

Continuemos:

Pelos padrinhos (seus irmãos menores) ninguem assinou, contrariando as constituições diocesanas e (o que é mais extranhavel) a ordem escrita pelo punho do referido deão, naquela recente visita.

O proposito evidente, a preocupação de dar ao falso assento uma feição semelhante aos verdadeiros, levou o falsificador a repetir ali que o *padrinho tocou com o resplendor de S. Francisco... o neofito José Antonio!*

O estúpido falsificador desconhece o costume de servir o resplendor de S. Francisco para os Franciscos, de Santa Ana para as Anas (como succedeu no baptisado de D. Ana, irmã de Francisco) de S. José para os Josés, etc., etc.

Mas... para que e para quem serão necessarias mais provas da falsidade desse vergonhoso documento?

Para esmagar o atrevido e grosseiro falsificador; para castigar o criminoso que rasgou folhas de livros guardados em arquivos publicos; e para desenganar algumas dessas creaturas ingenuas que facilmente acreditam em tudo que dizem os jornais e os livros impressos.

Continuemos, pois, a mostrar a evidencia da torpe falsificação.

Afirma Ernesto Velho que, ao lado do assento do ba-

ptisado de José Antonio, havia uma nota anonima *mas muito importante*, que mexia com a honra d'uma familia antiga e nobre da qual ignora se ainda ha descendentes.

Nova singularidade! Singularidade inexplicavel que o auctor, livre das folhas rasgadas, julgou conveniente inventar.

Não foi mais feliz nesta jornada.

Como e quem poderia escrever uma nota de semelhante natureza n'um livro confiado ao paroco? E como poderia escrever-se tanto na pequena e acanhada margem?

Eu, que examinei esse livro, ha muitos anos e tomei notas de tudo que tinha interesse, não li semelhante nota, como não encontrei nele assento de baptisados de filhos de Martim Velho de Barbosa, alem dos dois que ainda ali se acham: de D. Ana (1750) e de Francisco (1753).

Folhas rasgadas nos registos paroquiaes de trez freguesias

O leitor já sabe que, para se compôr o falso documento, oferecido por Ernesto Velho, foi necessario inutilisar criminosamente algumas fôlhas do livro dos assentos de baptisados de Marrancos; mas ignora que a audacia do falsificador levou mais longe a *defesa* da sua invenção genealógica.

Como Agostinho Francisco Velho, avô de S. S.^a, havia casado na freguesia da Victoria, no Porto, a 5 de Fevereiro de 1853, com D. Joaquina Augusta de Andrade Leite, pedi a pessoa idonea que me obtivesse certidão do assento desse casamento para conhecer os verdadeiros nomes de seus antepassados.

Verificou-se então que tambem havia desaparecido a folha onde estava exarado o assento desse casamento!

Mas ha mais: foram rasgadas as folhas dos livros da freguesia de Paradela, onde nascera Francisco José Velho e plausivelmente seu pai.

Quem praticou mais esses crimes? Com que fim?

Quem poderia ser o interessado que rasgou essas folhas?

Os leitores já responderam e eu, apesar da surdez que me turtura desde os cincoenta anos, ouvi essa resposta unanime e segura.

Os verdadeiros nomes dos pais e avós de Agostinho Francisco Velho

Ernesto Velho afirma catogoricamente que seu avô paterno era filho de Francisco José Velho de Barbosa e Sotomayor (com y) e de sua mulher D. Laura Francisca Velho de Hollanda Cavalcanti d'Albuquerque Coelho; neto paterno de José Antonio Velho da Fonseca e de sua mulher D. Maria Quiteria d'Almeida Sousa Sá e Melo de Lencastre Sotomayor, e neto materno de Manoel Coelho Lopes Cabeça de Vaca e de sua mulher D. Clara Maria Coelho Cavalcanti d'Albuquerque de La Cerda.

Não fazia a coisa por menos e a gente havia de engulir tudo isto, porque as folhas dos registos de Marrancos, Paradela e Victoria, estão seguras n'um cofre fechado a a sete chaves.

Mais outra vez se enganou o desventurado *fidalgo*.

Lembrando-me de verificar se, para o casamento dos avós de Ernesto Velho, teria sido solicitada dispensa de proclamas ou qualquer licença, pude facilmente obter cópia fiel da respectiva minuta arquivada na Camara ecclesiastica, e que tem nela averbada a data em que se efectuou o casamento (5 de Fevereiro de 1853).

Vamos vêr, pois, os verdadeiros nomes desses ascendentes de S.^a S.^a.

Agostinho Francisco Velho era filho de Francisco José Velho e de sua mulher Laura Francisca Velho; neto paterno de José Antonio Velho e de sua mulher Maria Quiteria; e neto materno de Manoel Coelho Lopes e de sua mulher Clara Maria Coelho.

Tableau! Laura Francisca, Maria Quitéria e Clara Maria: todas sem dom!

Bôas creaturas, humildes, mas honradas e felizes, sem ambições nem vaidades, que certamente receberam, nos resplendores da *Luz Perpetua*, a compensação das suas torturas e o premio das suas virtudes.

A patranha genealógica

O leitor ainda menos preparado, já deve estar plenamente convencido de que Agostinho Francisco Velho nada, *absolutamente nada* tem com as ilustres Casas de Marrancos e da Cavalaria; e os que conhecem a genealogia dessas historicas familias, veem mais uma vez confirmados os creditos dos nobiliarios de Felgueira Gajo e Lobo Gavião, onde se declara que de Martim Velho de Barbosa da Fonseca e de sua mulher D. Pascoa Antonia de Castro Sousa e Menezes ficaram apenas trez filhos:

1 D. Maria Joaquina.

2 D. Ana Josefa que casou com Manoel Alvares de Magalhães Araujo Pimentel.

3 Francisco Velho de Barbosa da Fonseca e Castro, que succedeu na casa e foi avô do 1.º Conde de Azevedo e de sua irmã D. Maria José, casada em Braga com Estevão Falcão Cotta de Bourbon e Menezes.

Mas Ernesto Velho elevou ao dobro, *a pouco e pouco*, os filhos deste venturoso casal!

Em 1910, dava-lhe os seguintes trez filhos:

1 Francisco.

2 D. Ana Josefa.

3 *José Antonio*.

Tirava D. Maria, mas acrescentava *José Antonio*; conservando o numero trez.

Em 1913, afirmava que eram cinco esses filhos:

- 1 Francisco.
- 2 D. Ana Josefa.
- 3 D.... (ignorava o nome).
- 4 *José Antonio*.
- 5 Fr. *Agostinho*.

Finalmente, em 1927, eleva o numero a 6 :

- 1 *D. Mariana*.
- 2 D. Ana Josefa.
- 3 Francisco.
- 4 *Agostinho*.
- 5 D. Maria Joaquina.
- 6 *José Antonio*.

O *Agostinho* foi inventado para dar maior naturalidade á improvisada ascendencia de *Agostinho Francisco Velho*.

D. Maria Joaquina, que falsamente se faz casada com D. Fradique de Noronha de Menezes, da Casa da Prelada (onde nunca houve pessoa com este nome) morreu solteira, tendo passado a sua vida como religiosa nos conventos do Campo em Coimbra e dos Remedios, em Braga.

Em 1913, ainda não estava escolhido o dia 5 de Setembro de 1761 (dia do falecimento de D. Pascoa) para data do nascimento do *José Antonio* porque este occupava o penultimo logar !

Os nomes da mãe e avós de *Agostinho Francisco Velho*, tambem foram sucessivamente crescendo, crescendo até á actualidade, com notavel tendencia para augmento futuro.

Maria Quiteria, em 1853, passou a D. Maria Quiteria de Azevedo, em 1913, e a D. Maria Quiteria de Almeida Sousa e Sá de Mello de Lencastre e Soto Mayor, em 1927.

Laura Francisca Velho de 1853, passou em 1913 a chamar-se D. Laura Francisca Coelho Lopes e, na *actualidade*, assina-se D. Laura Francisca Velho de Hollanda Cavalcanti d'Albuquerque Coelho, modificando o nome que usava em 1927: D. Laura Francisca Cavalcanti de Albuquerque Coelho !

A mãe d'esta (Clara Maria Coelho, em 1853 e D. Clara Maria Coelho, em 1913) usa agora o nome de D. Clara Maria Coelho Cavalcanti d'Albuquerque de La Cerda.

Risum tenealis?

O golpe de misericórdia

A mutilação previa dos livros do registo paroquial e os vícios do monstruoso documento em que se apoiava a famosa arvore publicada por Ernesto Velho denunciam e condemnam a patranha genealógica.

Mas suponha o leitor que eu ainda não comecei a facil tarefa de justificar a nota que escrevi no meu ultimo livro o «Poeta do Neivá»; que ainda não provei que era falso o *documento* oferecido por Ernesto Velho, para demonstrar que José Antonio Velho era filho de Martim Velho de Barbosa da Fonseca; e atenda-me, agora, e pisme da audacia do falsificador.

Todos os nobiliarios (e alguns de genealogistas acreditados, vizinhos, amigos e parentes proximos, dos fidalgos de Marrancos) dão a Martim Velho de Barbosa de Fonseca e a sua mulher D. Pascoa de Castro de Sonsa e Menezes, trez filhos: D. Maria, D. Ana e Francisco.

Por grande que seja a autoridade dum escritor não pode prevalecer contra a prova documental; mas, se esta, longe de a contrariar, a confirma augmenta, e consolida-se o seu prestigio.

Isto me determinou a solicitar do prestimoso Conde de Azevedo breves extractos de dois documentos existentes no arquivo do seu grande solar de Azevedo, onde foram reunidos por seus pais todos os documentos que inteteressavam á historia das familias que o 1.º Conde de Azevedo representava e que este conservava nas trez casas em que residia: Azevedo, Pova de Varzim e Porto.

Quem conhece a genealogia das grandes familias portuguezas, sabe que a Mãe do actual 2.º conde de Azevedo foi a herdeira de seu tio 1.º Conde de Azevedo.

Entre os documentos de Azevedo, acham-se muitos retirados por este sabio e prestigioso titular do arquivo

do seu Paço de Marrancos; e, como a Providencia não dorme, facilmente appareceram dois importantes documentos que declaram os nomes dos filhos de Martim Velho de Barbosa da Fonseca.

Recebi, ontem, a carta que vou reproduzir e que dá o *golpe de misericordia* no ousado falsificador.

Meu caro José Machado

Muito me congratulo com o que me dizes — que vais publicar um opusculo intitulado — *A Patranha Genealogica de Ernesto Velho* —, em que analizas, com a tua autoridade e como tu o sabes fazer, a «copia do simulado assento de baptismo d'um filho de Martim Velho, sr. do Paço, Marrancos, desmascarando assim a *invenção* cuja latitude eu estava longe de imaginar quando publiquei no meu livro a innocente e correctissima nota exarada a pag. 220 e 221. Como bem sabes, corre-me tambem a obrigação de esclarecer o publico e os estudiosos. Sobre a ousada invenção genealogica que tive de profundar apenas para manter o que afirmei na alludida nota, pretensamente contradictada em folheto que não merece qualquer classificação na litteratura d'estas especies porque o que se quer fazer passar por verdadeiro não se baseia em documento algum.

Mas tu tambem não ignoras que, ao trabalhar no assumpto em principios de 1928, encontrei logo no meu archivo os documentos esmagadores para inutilizar essa *invenção*, já intrinsicamente bem clara e contendo em si a propria morte.

Desgostos intimos da maior gravidade, em que me tens tão sincera e obsequiosamente acompanhado, e tambem a esperanza de obter novos elementos para documentalmente fazer a contra-prova do que aquelles já affirmam, fizeram addiar esse meu trabalho que ha de apparecer á luz do dia logo que possa sêr porque julgo que é sempre tempo de esclarecer a verdade — e esse é que é o objectivo *unico* que tenho em vista, produzindo uma obra digna, concludente e propria do nome que tenho a honra de usar.

No entanto, vou dar-te uma nota dos documentos que possuo, para que possas, desde já, no teu sensacional opusculo desfazer qualquer duvida que no espirito publico haja sobre a affirmação do teu livro — *simulado assento do baptismo* — ou sobre aquellas que fiz no meu a respeito da infundada pretensão de que essa familia provinha de Marrancos.

Ahi vae, pois, a nota d'esses documentos que confio ao teu intelligente e criterioso exame para d'elles poderes fazer as devidas referencias :

1.º — Correndo rija demanda em que era A. Luiz Palhares Brandão, sr. da Casa de Arrothea (Arcos de Valde-Vez) e R. R. Martim Velho Barbosa e Fonsequa, e sua mulher D. Paschoa Antonia, morrendo esta, (5-IX-1761) para prosseguimento do pleito, o A. teve de deduzir Artigos de habilitação do marido viuvo e dos filhos existentes.

Esses artigos, dos quaes consta serem filhos de Martim Velho e de sua mulher, D. Maria Joaquina, D. Anna Josefa e Francisco Velho, foram logo confessados por Martim Velho em 11 de Fevereiro de 1762 e julgados por despacho do juiz no dia immediato.

(Certidão d'esses Artigos de Habilitação, requerida pelo proprio punho de Martim Velho e por despacho do Ouvidor na Comarca de Barcellos, João Ferreira da Silva, passada pelo escrivão d'essa Ouvidoria Simão Antonio Ribeiro aos 3 dias de Agosto de 1762. Tenho em meu poder, desde principios de março de 1928 (!) photograpura d'este documento, trabalho do distincto artista sr. Marques Abreu).

2.º Quatorze annos depois, em 25 de fevereiro de 1775, morreu Martim Velho, com testamento, em que declara ter só aquelles trez filhos: D. Maria Joaquina com 26 annos, D. Anna Josefa com 25 annos e Francisco Velho com 22, originando a menoridade d'este um inventário orphanologico, que foi iniciado aos 15 dias do mez de março d'esse anno no concelho de Penella, sendo juiz, o doutor Lazaro da Silva Ferreira, juiz de Fóra com alçada em Espozende e juiz dos Orphãos n'aquelle concelho de Penella, e nos de Larim e Villa Cham, e escrivão Luiz Manuel de Azevedo, escrivão dos Orphãos.

Do menor Francisco Velho foi nomeado tutor Luiz de Brito Gavião, sendo a partilha entre os trez irmãos julgada por sentenças do dito juiz aos 28 de Setembro de 1775. (Inventaria *Original* por obito de Martim Velho).

Tem 31 folhas em papel almaço de linho escriptas todas pelo respectivo escrivão Luiz Manuel de Azevedo).

Parece-me, meu querido José Machado, ficar assim mais irrefragavelmente desfeita essa triste e inaudita *invenção*, sendo, sem duvida alguma, *simulado* o assento que, por copia, foi publicado, do baptismo d'um individuo do sexo masculino do nome José Antonio, como filho de Martim Velho e de sua mulher D. Paschoa Antonia.

Este, pretensamente nascido em 5 de Setembro de 1761, já não é encontrado vivo em fevereiro de 1762, quando se faz a habilitação dos filhos existentes!!!

O resto desfaz-se como o fumo....

Ha mais a contar, como acima deixo entrever e tu bem sabes, mas isso fica para a minha publicação.

Terminando, como principiei, congratulo-me por que appareças desde já a esclarecer os investigadores e os homens de bem d'este paiz, cuja credulidade capciosamente se pretendeu ludibriar.

Abraço-te affectuosamente como

T. C. de Azevêdo
(Barcellos)
25 de Julho de 1930.

teu primo e amigo do C.
mt.^o ad.^{or} e mt.^o grato

Pedro.

Está, pois, *interinamente* fuzilado o audaz e ensambenitado criminoso; que a execução final e mais solemne ha-de realisar-se no prometido e anciosamente esperado livro do snr. Conde de Azevedo, onde esses magnificos e decisivos documentos serão reproduzidos.

Todavia, antes do *requiescat, in pace* — devo declarar que nunca afirmei que José Antonio era filho bastardo ou que o assento do seu baptisado tinha sido adulte-

rado: disse, confirmo e sustentarei sempre, que nunca existiu nos livros de Marrancos e que é falsa, manifestamente falsa, a cópia (tendo requerido certidões, como afirma, d'outros assentos, contentou-se com a copia... do principal!) oferecida por Ernesto Velho para nos convencer da sua *fidalgua* e do seu *character*.

R. I. P.



Erratas principaes

Onde se lê	Deve ler-se
Pag. 14, linha 4, <i>tenealis</i>	<i>teneatis</i>
» 15, » 17, estudiosos.	estudiosos
» 15, » 18, Sobre	sobre

Erasmus in England

1517-1522

1522-1523

1523-1524

1524-1525

1525-1526

1526-1527

1527-1528

1528-1529



biblioteca
municipal
barcelos



47296

A patranha genealógica de
Ernesto Velho